

INCLUSÃO DO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE MUSIC AS AN INCLUDING PROCESS OF AN AUTIST ON CHILD EDUCATION

Janaína Crepaldi¹

Édina Regina Baumer²

RESUMO: Atualmente, a inclusão é uma realidade dentro das escolas do país. E tanto o professor quanto a comunidade escolar precisam estar preparados para trabalhar com a diversidade em sala de aula, que abrange desde deficiências físicas até neurológicas. O autismo é uma das diversas especificidades das quais encontram-se hoje, inseridas na escola regular e por ser um transtorno altamente complexo, de difícil compreensão e diagnóstico, onde suas características variam de pessoa para pessoa, a complexidade para se trabalhar com um aluno autista é ainda maior. Devido à dificuldade de socialização do aluno autista, busca-se constantemente meios nos quais esse aluno se envolva e se desenvolva cognitivamente de forma significativa. Assim, através do presente estudo, procurou-se investigar a contribuição da musicalidade para o desenvolvimento social do aluno autista bem como quais os avanços que a música possibilita na inclusão desse aluno. O método utilizado para a elaboração da presente pesquisa foi de procedimento bibliográfico, de abordagem qualitativa, sendo de natureza básica e quanto aos objetivos, exploratória, que culminou na apresentação de relatos de experiências de que a musicalidade, de alguma maneira, estimula o aluno autista, proporcionando-lhe momentos prazerosos, que tornam simples atos em estímulos significativos para o seu desenvolvimento.

PALAVRAS CHAVE: Autismo. Música. Educação Infantil.

ABSTRACT: Currently, the including is an reality inside of schools in the country. And as the teacher as the scholar community need to be prepared to work with the diversity at classroom that reaches from physical and neurological deficiencies. The autism is one from the various specificities from which is founded nowadays, it's inserted on standard school and as is an highly complex syndrome and hard to be comprehended and diagnosed, where its features exchange from one to another person, the complexity to teach an autist student is still bigger. Due to the socialization difficult of an autist student, it's constantly researched for methods in which this student is immersed and he can grow himself significantly and cognitively. And through from this present study, it was intended to investigate the contribution of music for interaction and social cognitive development of the autist student as well as which advances that the music enables in the education of this student. The method

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da UNESC – jana.crepalde@gmail.com

² Mestre em Educação – UNESC – edinabaumer@gmail.com

used for this research has been from bibliographic procedure from qualitative approach being of basic nature and about the objectives, exploratory, who ended in the presentation of experience reports that the music, in such way else, it stimulated the autistic student, granting him grateful moments that turned simple acts into significant complement for his evolution.

KEY WORDS: Autism, Music, Child Education.

1 INTRODUÇÃO

Observa-se no cotidiano das aulas que crianças autistas muitas vezes são capazes de cantar melhor do que falar, pois sua sensibilidade sonora responde melhor aos estímulos musicais em atividades feitas em sala de aula, auxiliando em seu processo de construção do conhecimento e identificando melhor suas potencialidades e dificuldades.

Fica clara a necessidade que os professores têm de trabalhar com procedimentos que visem à inclusão de crianças autistas e que despertem seu interesse pelo aprendizado, incluindo-os em projetos de alfabetização que possibilitem uma melhor qualidade de vida e compreensão dos conteúdos. Neste caso, a musicalização empregada nas atividades escolares facilita o enfrentamento de situações que, até então, poderiam ser vistas como um problema, auxiliando o professor a observar o potencial deste aluno autista e avaliar suas dificuldades.

Dada a importância da música no processo de inclusão do aluno autista, surgiu o interesse em abordar tal tema, com o intuito de conhecer experiências já publicadas sobre a realidade das escolas com alunos autistas para verificar se as mesmas utilizam-se desse mecanismo como instrumento de inserção e de aprendizagem dessas crianças, buscando em referenciais teóricos experiências profícuas para tais alunos, fomentando assim a referida pesquisa, que tem por objetivo geral verificar se a música contribui para a inclusão das crianças autistas na Educação Infantil.

Pretende-se, como objetivos específicos, especificar os avanços que ocorrem com a inserção da música no processo de ensino aprendizagem do aluno autista, identificando as práticas educativas que incluem a música nas atividades cotidianas da sala de aula com esse aluno e analisar se a música, quando trabalhada em sala de aula, auxilia na interação, integração e socialização do mesmo.

A escolha de tal tema deu-se motivada pela necessidade em aprofundar os conhecimentos ao referido assunto, devido a atuação em sala de aula, como segunda professora³ de uma aluna autista, o que reforça a relevância da presente pesquisa aqui apresentada.

O presente estudo pretende, com seu problema central, verificar se a música contribui para a inclusão das crianças autistas na Educação Infantil, trazendo como questões norteadoras: quais os avanços que a música possibilita ao inclui-la no aprendizado do aluno autista? Os professores utilizam a música no processo de desenvolvimento das atividades pedagógicas, ao ponto de promover o desenvolvimento das crianças autistas? A música contribui para a integração, interação ou socialização do autista com os demais alunos da classe?

Em um primeiro momento, abordar-se-á no presente artigo, o referencial teórico específico para assim, identificar e conhecer o autismo em seu contexto, sendo que atualmente faz-se necessário esse conhecimento devido à inclusão que hoje ocorre nas salas de aulas das escolas regulares, onde precisa-se trabalhar com alunos autistas. A fundamentação teórica também destaca, a relevância da musicalização para o desenvolvimento do aluno autista.

Na sequência, os métodos utilizados para o estudo serão apresentados, bem como a análise dos dados obtidos com o estudo, finalizando com os resultados em relação a problemática da pesquisa.

2 IDENTIFICANDO E CONHECENDO O AUTISMO

O termo autismo (agora denominado Transtorno do Espectro Autista - TEA), segundo Cunha (2015a), é originário da palavra grega *autós*, expressando 'de si mesmo', sendo esse termo usado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, no ano de 1911, onde o mesmo buscava retratar a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes esquizofrênicos.

³ Lei Estadual Nº 17.143, de 15 de maio de 2017, Artigo 2º, que entende como Segundo Professor de Turma o profissional da área de educação especial que acompanha e atua em conjunto com o professor titular em sala de aula, a fim de atender aos alunos com deficiência matriculados nas etapas e modalidade da educação básica regular das escolas públicas do Estado de Santa Catarina.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

“O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas.” (CUNHA, 2015a, p.20).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association, 2014), o Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social de várias formas, podendo ser esses déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e nas habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Ainda de acordo com o mesmo manual, o diagnóstico desse transtorno requer a presença de padrões limitados e também de padrões repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

O autismo, de acordo com Monte e Santos (2003), está relacionado a um conjunto de características que engloba desde distúrbios sociais leves sem deficiência mental até a deficiência mental severa.

A Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012 trata da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece as diretrizes para o seu cumprimento, destacadas em seu artigo 1º, no parágrafo 1º:

§ 1º - Para os efeitos desta lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II: I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL, 2012).

O artigo 3º da referida lei, que trata dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista, em seu item IV, alínea a, garante o direito ao acesso à educação e ao ensino profissionalizante, inclusive com direito a um professor especializado para lhe atender, destacado em seu parágrafo único: “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com

transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.” (BRASIL, 2012).

Cunha (2015a) descreve que o Transtorno do Espectro Autista se manifesta nos primeiros anos de vida, aparentando-se com mais evidência em torno dos 3 anos de idade, sendo seu diagnóstico bem difícil de realizar e também impreciso, pois é um transtorno em que os padrões de manifestação não são fixos e são muito variáveis, e sua causa também é desconhecida, apenas sabendo-se que há grande probabilidade de envolvimento genético.

Os sintomas mais aparentes das características comportamentais e que podem apontar para o referido transtorno, segundo Cunha (2015a, p.28):

Retrair-se e isolar-se das outras pessoas; não manter contato visual; desligar-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação a metodologias de ensino; não demonstrar medo diante dos perigos; não responder quando for chamado; birras; não aceitar mudança de rotina; usar as pessoas para pegar objetos; hiperatividade física; agitação desordenada; calma excessiva; apego e manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares no corpo; sensibilidade a barulhos; estereotípias; ecolalias; ter dificuldades para simbolizar ou para compreender a linguagem simbólica; ser excessivamente literal, com dificuldades para compreender sentimentos e aspectos subjetivos de uma conversa.

Esses transtornos são tão complexos, que até os diagnósticos muitas vezes não são precisos, pois o autismo varia muito em grau de intensidade e também em seus sintomas, dificultando assim, o trabalho com a criança portadora desse transtorno.

No diagnóstico do transtorno do espectro autista, as características clínicas individuais são registradas por meio do uso de especificadores (com ou sem comprometimento intelectual concomitante; com ou sem comprometimento da linguagem concomitante; associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental), bem como especificadores que descrevem os sintomas autistas (idade da primeira preocupação; com ou sem perda de habilidades estabelecidas; gravidade). Tais especificadores oportunizam aos clínicos a individualização do diagnóstico e a comunicação de uma descrição clínica mais rica dos indivíduos afetados. Por exemplo, muitos indivíduos anteriormente diagnosticados com transtorno de Asperger atualmente receberiam um diagnóstico de transtorno do espectro autista sem comprometimento linguístico ou intelectual. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 32).

A deficiência intelectual é comum entre pessoas com Transtorno do Espectro Autista, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association, 2014), tornando

complicado a sua investigação devido à déficit sócio comunicacionais e comportamentais, inerentes ao transtorno do espectro autista, que podem interferir em seu diagnóstico.

“Uma investigação adequada da função intelectual no transtorno do espectro autista é fundamental, com reavaliação ao longo do período do desenvolvimento”, (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 40), pois no espectro autista os escores de QI costumam ser instáveis, principalmente na primeira infância.

2.1 O AUTISMO NA ESCOLA

A primeira infância das crianças exige carinho e cuidado, destacam Monte e Santos (2004), sendo a Educação Infantil, muito mais do que simplesmente cuidar de crianças, e sim, uma construção para abrir caminhos para a cidadania das mesmas.

Para as autoras, uma criança com autismo não passa despercebida aos olhos do professor, sendo que o professor não identificará com clareza o transtorno, mas com certeza perceberá que a criança é diferente.

Como suas características comportamentais são diversas e podem ou não parecer ao mesmo tempo, as mesmas autoras descrevem que seu quadro não é bem definido, podendo acarretar várias possibilidades de prognósticos.

O mais curioso é que, na primeira infância, os quadros, em diferentes graus, são por incrível que pareça, extremamente semelhantes, confundindo muitos profissionais experientes, tanto no sentido de subestimar como superestimar as habilidades dessa criança. (MONTE; SANTOS, 2003, p. 14).

O diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento da educação (CUNHA, 2015b), fazendo do professor o grande aliado para esse diagnóstico, já que é na escola que as relações sociais da criança se intensificam. Sabe-se que as características do autismo são diversas, mas quatro delas se destacam de forma mais marcante, citadas por Cunha (2015b): o déficit de atenção, a hiperatividade, as estereotípias e os comportamentos disruptivos.

Complementando o autor, Monte e Santos (2004) ressaltam dois aspectos importantes em relação ao autismo: a precoce intervenção do aluno autista para uma maior oportunidade de comunicação, socialização, comportamento e aprendizado a esse aluno,

sendo que essa intervenção necessita basicamente ser educacional. E o segundo aspecto destacado pelas autoras é a prioridade ao desenvolvimento cognitivo, relacionado ao desenvolvimento social, pois é através dele que o aluno terá consciência sobre si mesmo, e consequentemente sobre os demais, pois o autista, por sua deficiência na interação social, precisa ser ajudado para assim, socializar-se.

Por ser bem provável que o professor perceba que a criança tem alguma necessidade educacional especial antes dos próprios pais e até mesmo do médico pediatra, as mesmas autoras discorrem que é comum surgirem dúvidas e inseguranças quanto ao procedimento a seguir para ajudar esse aluno. Quando o professor se depara com tal situação, o mesmo deve estar consciente da importância do seu papel para com esse aluno e que esse aluno dispõe de direitos e possibilidades de ajuda; assim, o primeiro passo é procurar a coordenação da escola para após, juntos, conversarem com os pais e aí sim, preparar-se para auxiliar esse aluno.

Observadas as possíveis características do autismo em algum aluno, Cunha (2015b) ressalta que primeiramente o professor deve conhecê-lo, descobrir as suas preferências, o que lhe interessa, o que lhe traz afeto, pois a afetividade interligada à atividade pedagógica será recurso essencial para superar possível quadro de hiperatividade e também de déficit de atenção.

Conhecendo as preferências do aluno, o professor pode melhor preparar suas atividades, fazendo com que estimule esse aluno com atividades que lhes serão atrativas. Nesse sentido,

Trabalhos artísticos estimulam o foco de atenção de qualquer aprendente, pois demandam proficuamente a concentração, servindo como mediação pedagógica. Na pintura, no desenho, nas atividades com massa ou na música, os canais sensoriais são os melhores receptores da aprendizagem. (CUNHA, 2015b, p.26).

Já as estereotipias devem ser observadas, conforme Cunha (2015b), com muito cuidado e com muita sensibilidade de maneira a evitar a irritação e o cerceamento, para inibir a recorrência dos movimentos estereotipados, substituindo-os por movimentos mais adequados para que assim, progrida-se cognitiva, motora e comunicativamente, sendo que essas estereotipias expressam sentimentos como: ansiedade, alegria, excitação e frustração.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

“No que tange aos comportamentos disruptivos, poder-se-á pensar que será extremamente difícil [...] um docente conduzir todo o processo pedagógico solitariamente” (CUNHA, 2015b, p.26), e o autor confirma que realmente é difícil, enfatizando que para tal, faz-se necessário uma formação profissional, uma capacitação humana e também políticas públicas que tornem as escolas inclusivas; juntando-se a tudo isso, alternativas das quais o docente pode ater-se e que lhe ajudarão essa tarefa:

* não se alterar e não valorizar as reações excessivas; * redirecionar a atenção e a ação do aluno; * falar baixo, manter o mesmo tom de voz e o contato visual; * corrigir ensinando, não reprimindo; * disciplinar a atividade e não imobilizar o aluno; ele precisa confiar no seu professor. (CUNHA, 2015b, p.27).

Sendo necessário ainda, segundo o mesmo autor, um processo investigatório das atitudes disruptivas para que suas causas sejam descobertas o quanto antes, pois a demora dificulta a sua superação, ainda mais que vários são os fatores que a motivam, onde pode-se destacar o barulho, a mudança de rotina e a frustração.

Desde o nascimento até os três anos de idade, segundo Monte e Santos (2003), precisa-se ensinar para a criança com autismo tudo o que uma criança normal aprende de forma espontânea por meio da observação e da experiência, mas sua inserção na creche deve ser planejada com cuidado pois a criança com autismo tem problemas de interação social que não são resolvidos na presença de outras crianças e elas também não aprendem explorando sozinhas o ambiente em que estão inseridas e nem observando voluntariamente.

E para a criança autista, o tempo é fato crucial e também irreversível, assim, quanto antes ela for estimulada, melhor poderá ser o seu desenvolvimento. Mas as possibilidades de desenvolvimento são distintas para cada criança, citam Monte e Santos (2003), assim, faz-se importante utilizar todos os recursos disponíveis para maximizar o desenvolvimento do aluno autista, sendo necessário sempre anotar de forma descritiva o seu desempenho para, de tempos em tempos, avaliar esse desenvolvimento.

2.2 A MUSICALIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA

A criança, desde o útero materno, tem percepção musical, descreve Cunha (2009), sendo a música o elo de ligação e comunicação que a criança tem com a mãe, através das cantigas e das conversas realizadas por ela.

Guerrer e Menezes (2014) relatam que em estudos desenvolvidos em relação ao autismo, constatou-se que nas pessoas com esse transtorno, devido ao fato de a área do processamento da linguagem ser reduzida, as mesmas apresentam anormalidades nos circuitos cerebrais. Mas apesar dessas anormalidades, as habilidades musicais geralmente são preservadas, pois a área cerebral referente a música se sobrepõe às outras, dando margem a hipótese de um possível progresso da pessoa autista através da musicalidade, com melhoras em seu comportamento social e em sua comunicação.

Pesquisas apontam benefícios da música na neuroplasticidade e provam que intervenções baseadas em música podem ser usadas para fortalecer conexões entre as regiões frontal e temporal, que apresentam anormalidades nos autistas. Atividades relacionadas à música envolvem imitação e sincronização, levando à ativação de áreas que contêm neurônios-espelho e proporcionando o desenvolvimento da cognição social, tarefas nas quais indivíduos autistas tipicamente mostram dificuldades. (GUERRER; MENEZES, 2014).

A musicoterapeuta Senra (2014) cita que a “nossa cultura tem o hábito de cantar para os bebês desde que eles nascem e continuar expondo as crianças à música durante toda sua infância”, e segundo ela, para as crianças com TEA isto não é diferente, sendo comum encontrar crianças com autismo que cantam antes mesmo de falar e ainda crianças que não se interessam por brinquedos, mas que, com relação à música, são muito interessadas.

Para a autora, uma forma eficaz de se utilizar a musicalidade para estimular o desenvolvimento de crianças autistas é esperar que ela mesma faça um contato ocular para dar início a cantiga e continuar cantando enquanto a criança estiver interagindo através desse contato ocular.

Quando a criança se dispersa da canção, pode-se parar e dar continuidade somente quando a criança retomar novamente a interação social com seu olhar, tornando a música, de forma gradativa, um contexto de interação social, o que aumenta as chances de a criança ver esse contato ocular como algo agradável e começar a olhar mais em outros contextos também, relata Senra (2014).

Barboni (2017) destaca que as aulas de música para autistas precisam ter atividades diversificadas e com metas bem definidas, com exercícios lúdicos tendo como objetivos: socializar a criança, desenvolver sua psicomotricidade e sua linguagem.

A música tem o poder de ser uma facilitadora de comunicação, mas para que o autista seja realmente beneficiado, com resultados à longo prazo, é necessário que a música seja utilizada de acordo com os interesses da criança, com um professor que realmente conheça as especificidades do transtorno e que saiba utilizar técnicas de musicoterapia (terapia alternativa que utiliza a música como ferramenta para desenvolver habilidades e objetivos pré-estabelecidos no indivíduo). Nas aulas, são utilizadas atividades que promovem um vínculo de respeito e confiança entre o aluno e o professor, que planeja as interações de acordo com a maturação biológica do aluno. O espaço onde as aulas acontecem deve ser seguro, livre de distrações e o material oferecido não deve oferecer qualquer perigo. (BARBONI, 2017).

Pode-se também, segundo Senra (2014), se utilizar das músicas em rotinas diárias, o que facilitará a adesão da criança nas atividades (escovar os dentes, tomar banho, almoçar), pois a música funciona como uma forma de antecipação à atividade, preparando a criança para que ela mude o foco do que está fazendo, evitando assim, que ela recuse ou não aceite a nova atividade.

Não esquecendo que a música auxilia na socialização com as outras crianças, devendo o professor sempre observar e identificar o que mais agrada à criança para que assim, possa estimulá-la de forma descontraída e divertida.

3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O método utilizado para a elaboração da presente pesquisa no que tange a sua abordagem foi qualitativa, sendo de natureza básica e quanto aos objetivos, exploratória. Em seus procedimentos utilizou-se da pesquisa bibliográfica, com o uso de livros de autores que escreveram sobre o assunto e também artigos publicados eletronicamente. Além disso, considerou-se a minha prática em sala de aula com uma aluna autista, ao ser contratada como segunda professora dessa aluna, onde o resultado apresenta-se nesse artigo científico.

O primeiro contato com o autismo envolveu a minha atuação com uma aluna da Educação Infantil, que tem uma irmã gêmea na mesma sala de aula, e ambas são diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista. No início do primeiro semestre, a

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

adaptação à rotina pelas alunas foi bem difícil, o que levou alguns meses para que as mesmas se acostumassem com a rotina da sala de aula, mas são crianças muito afetuosas e carinhosas, sempre demonstrando carinho às pessoas ao seu redor.

Apesar de todas as atividades serem desenvolvidas de forma adaptada para as alunas para que as mesmas possam produzir de forma significativa, elas realizam somente as atividades que são do seu interesse e quando contrariadas, costumam gritar muito. Nos primeiros meses do semestre demonstravam muita falta de concentração, o que dificultava a realização de atividades propostas pela professora, sendo esse o parecer descritivo da professora anterior que atuou com as meninas.

[...]. Há casos cuja severidade luta contra a nossa esperança e capacidade. Mas, ainda assim, o trabalho poderá suscitar ganhos, e todo ganho será sempre um progresso. Não acreditamos em educação inócua, infértil. Acreditamos em uma educação realista, não conformada, ousada e possível. (CUNHA, 2015b, p. 21).

Ao iniciar a minha atuação com uma dessas duas alunas, percebeu-se a importância em desenvolver o conhecimento do dia a dia para as crianças com autismo. Dessa maneira, conseguiu-se estimular através das músicas, o interesse para a pintura, o recorte e a escrita em pontilhados. Um mundo diferenciado para ela, que fez com que a mesma participasse com atenção no mundo da leitura e escrita.

Tentou-se buscar na prática, o interesse e a atenção dela para que assim, se conseguisse interagir em seu processo de aprendizagem, processo no qual a aluna estava demonstrando interesse, mas devido as suas limitações, demorava um pouco mais em sua interação na sala de aula. A aluna é contida nas suas falas, mas expressa de forma clara as suas vontades, com falas como: ‘não quero, não, eu gosto, quero ir’.

Atualmente, nas mudanças das atividades devido a rotina da sala de aula, a aluna não apresenta resistência para mudar de atividade, sendo que nas brincadeiras livres, sempre participa e interage com os colegas, onde aprendeu a pular corda, brincar no balanço e entrar no tubo do escorregador. Gosta muito também de andar de pés descalços sobre a areia do parque da escola.

Conforme descrevem Monte e Santos (2003), a experiência do brincar deve ser oferecida à criança primeiramente de uma forma estruturada e dirigida para que assim, aos

poucos, ela consiga estabelecer relações de causa e consequência que resultarão na própria vontade de repetir tal experiência que lhe tenha sido agradável, e que sem o auxílio do professor, ela não teria iniciativa própria para tal atividade.

O aluno aprende. O aluno com transtorno do espectro autista aprende. Essas são as primeiras ideias que queremos enfatizar neste pequeno texto. A aprendizagem é característica do ser humano. O ensino e a aprendizagem escolar são dois movimentos que se ligam na construção do conhecimento. É uma construção dialógica e não imperativa; expressão imanente da nossa humanidade, que abarca também o aprendente com autismo. (CUNHA, 2015b, p. 15).

O objetivo maior ao aceitar o desafio como segunda professora dessa aluna autista foi buscar a interação dela na comunidade escolar, realizando alguns momentos de aprendizado e formação cognitiva, sempre respeitando o momento de interesse por parte da aluna.

Apesar de todas as dificuldades decorrentes do Transtorno do Espectro Autista, o objetivo maior foi alcançado, sendo que atualmente a aluna interage com os colegas da sala de aula, participa de atividades (dentro de suas limitações), onde inclusive já escreve o seu próprio nome seguindo a linha pontilhada. “O professor é essencial para o sucesso das ações inclusivas, não somente pela grandeza do seu ofício mas também em razão da função social do seu papel.” (CUNHA, 2015b, p. 17).

Devido a atuação com alunos autistas em sala de aula, cresceu o interesse em buscar informações ao referido assunto para melhor compreensão e entendimento desse transtorno, visto que é algo muito indagador e sem respostas definitivas e concretas, e que não pode ser revertido nem curado. Assim, o que pode ser feito é buscar o máximo de informações a esse respeito para que conseguisse entender a complexidade que envolve esse transtorno, de maneira que o professor possa estar fazendo uso dessas informações de forma adequada, dando significância ao aprendizado dos alunos autistas.

As leituras realizadas sobre o assunto ‘autismo e musicalidade’ decorreram-se de livros de autores especializados no assunto, onde conseguiu-se absorver ao máximo toda nova informação trazida por eles e agregar aos conhecimentos já adquiridos sobre o assunto. Sendo também consultados alguns artigos eletrônicos de relatos de profissionais (pedagogos, psicólogos) para maior abrangência da análise da prática musical com alunos autistas, devido

a experiências comprovadas sobre a utilização de tal recurso no processo de ensino aprendizagem.

Para corroborar com as várias leituras realizadas para a elaboração dessa pesquisa, o relato de caso da professora Ester Salvador, em sua pesquisa de campo, mostra a sua experiência com a musicalidade no desenvolvimento de um aluno de 5 anos, autista. A mesma trabalha como educadora musical desde 1991 e com isso, possui um vasto material com relatos e resultados de alunos com síndromes Down, TDAH, etc., sendo que começou a ter contato com alunos de inclusão em 2005 e em 2012 teve a primeira relação com aluno autista, onde observou os resultados positivos trazidos pela música para esse aluno e optou pela realização de uma pesquisa, para contribuir com futuros estudos científicos a esse respeito.

Acredito que a música possa contribuir na formação integral do ser humano e, para tanto, o educador deve possuir um olhar crítico e reflexivo constante sobre sua prática. É necessário lançar um olhar crítico na escolha do material didático, tendo em vista a faixa etária, o contexto sócio cultural de cada aluno, em qual ocasião este material será aplicado e etc. Um olhar reflexivo para observar as diferentes respostas obtidas de cada aluno, que podem ser as mais variadas desde a compreensão dos conceitos musicais vivenciados, até os resultados relacionados com a autoestima, autoconfiança, socialização, impulsos para vencer obstáculos na fala, concentração, etc. (SALVADOR, 2013, p.5).

No estudo apresentado por Salvador (2013), o professor de música regente desenvolveu as aulas de música, com atividades relacionadas a melodia, ao ritmo e habilidades vocais e instrumentais, sendo essas aulas aplicadas uma vez por semana com a turma; o professor adaptou as atividades especialmente para o aluno autista, realizando-as com o aluno sentado em colo, aplicado massagens em suas mãos, dando-lhe abraços e movimentando seu pulso, pois o contato físico estimulava esse aluno autista.

Não precisamos de esquemas complexos ou mirabolantes para aplicar ideias pedagógicas. O nosso cotidiano é feito de coisas simples. Quanto mais associamos a prática escolar a conteúdos significantes, mais tornamos a experiência do aprendizado profícua. A aprendizagem significativa não somente generaliza o aprendizado, mas faz igualmente o aluno generalizar a experiência escolar. (CUNHA, 2015b, p. 22).

Um ponto de grande relevância observado pela autora foi o fato de se desenvolver laços entre todos os envolvidos: professor, aluno autista e os demais alunos da sala, para que

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

possa haver efeitos positivos e benéficos para o aluno, sendo necessário primeiramente, que as diferenças sejam respeitadas. Cunha (2015b) relata que o afeto é científico e ao expressar afeto, o cérebro transmite ao corpo uma sensação de prazer e alegria.

Utilizar-se dos afetos naturais do aluno com autismo para educa-lo é canalizar suas emoções para o processo pedagógico. É trazer para o campo da educação o seu interesse e amor. As emoções deflagram mecanismos na memória que ajudam a conservação do aprendizado escolar. Um aluno que ama aprender aprende melhor; um professor que ama ensinar ensina melhor. (CUNHA, 2015b, p.100).

O que se buscava nessas aulas observadas por Salvador (2013) eram:

- Habilidade vocal: os alunos precisavam improvisar melodias com a voz, vocalizar e criar diferentes sons com a voz e a boca, criando letras novas e interpretando canções;

- Habilidade auditiva: os alunos tinham que criar uma história com objetos sonoros com sons onomatopaicos e

- Habilidade instrumental: os alunos criariam instrumentos sonoros com a utilização de materiais recicláveis e vivenciariam esses instrumentos, e todos os alunos da sala ajudavam na realização das atividades, comemorando cada gesto produzido pelo aluno autista.

As atividades eram realizadas de forma a buscar, através da ludicidade, o desenvolvimento do respeito individual e para com os colegas, onde sentados em círculo, a turma iniciava a aula com uma música de boas vindas, passando na sequência para o aquecimento vocal, sempre realizado de forma lúdica, o que contagiava a todos.

Logo após o aquecimento, a aula continuava lembrando o que foi desenvolvido na semana anterior e inserindo algo novo na mesma canção formando a cada aula uma nova parte dessa canção. Em algum momento da aula o educador segurava o aluno autista no colo e enquanto as crianças realizavam a atividade o mesmo balançava o aluno no pulso na música que estava sendo trabalhada, realizando massagem nas mãos, ajudando na estimulação e criando assim um vínculo que buscasse uma comunicação entre educador/educando. (SALVADOR, 2013, p. 12).

A partir desta experiência do professor regente de música citado no estudo de Salvador (2013) relata que se abordou a professora regente da classe expondo a necessidade da adaptação das atividades para o aluno autista, sendo que a família também foi abordada

sobre tal necessidade e após alguns meses de trabalho do professor de música, o aluno emitiu seu primeiro som, expressando uma vogal e após mais algumas semanas, o aluno já cantava apresentando as vogais do alfabeto.

Durante esse período estava sendo trabalhada a canção (Cavalinho) de Moacyr Carlos Junior. Percebeu-se que diante do material trabalhado o aluno autista respondia com um sorriso e saltitava no pulso cada vez que as crianças cantavam a canção. Diante dos resultados observados no trabalho diário com a turma os próprios alunos pediam para cantar a música tornando-a assim um hino, marca registrada da sala que ao cantar estabelecia um diálogo formando a unidade com o aluno autista e trazendo entre todos à harmonia. (SALVADOR, 2013, p. 12-13).

Certo dia, a mesma autora destaca que o aluno estava incomodado com o barulho da sala e começou a gritar e bater sua cabeça na parede. O professor, atento às preferências do aluno, cantou com as crianças a música que o aluno gostava (Cavalinho) e o mesmo tranquilizou-se no mesmo instante, com semblante feliz e sereno. E assim, a cada reação mais enérgica desse aluno, os colegas a cantavam para acalmá-lo, sendo o resultado imediato.

Os sentimentos e emoções são muito confusos para uma criança com necessidades educacionais especiais. Além de os sentimentos serem confusos, a comunicação, tanto receptiva quanto expressiva, também é difícil. [...] O primeiro passo é ajudar essa criança a se organizar e se desenvolver, para que ela possa relacionar-se consigo mesma, perceber que existe alguma consistência em seus gostos e que há coisas que a agradam e coisas que a desagradam. O próprio caminho do desenvolvimento cognitivo é o caminho do desenvolvimento da consciência. (MONTE; SANTOS, 2003, p. 21).

Para muitos, uma conquista extremamente pequena, mas para o aluno e toda a sua turma, uma grande conquista, graças a utilização da música no processo pedagógico.

Outro projeto que chamou muito a atenção, sendo apresentado em um programa jornalístico, foi desenvolvido pela musicoterapeuta Ana Carolina Steinkopf (2015), que ao entrar para a faculdade de musicoterapia, queria trabalhar com a música porque a música faz bem para as pessoas, criou um projeto que envolve crianças com Autismo, um musical, intitulado 'Uma sinfonia diferente', que foi idealizado por ela em parceria com a clínica onde a mesma trabalha, juntamente com a psicóloga Cinthia Vanessa, 21 estudantes de psicologia, uma equipe de filmagem, uma equipe de fotografia, uma banda com sete músicos e uma equipe de produção.

Ressalta-se que o projeto realizado pela musicoterapeuta Ana não envolve Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

somente crianças na faixa etária da Educação Infantil, envolvendo também autistas de várias idades, mas que são estimuladas de forma conjunta, por isso a opção em colocá-lo no presente artigo devido ao fato da riqueza musical que tal projeto apresentou para os portadores do Transtorno do Espectro Autista.

Ela conta que a ideia surgiu baseada em sua prática clínica, onde percebeu que as crianças que faziam parte das sessões de musicoterapia tinham mais facilidade com a comunicação e o relacionamento.

O musical criado por ela envolve 21 crianças e jovens dentro do espectro autista juntamente com suas famílias, pois como ela destaca, a família é muito importante e ao envolvê-los, a criança se motiva mais, pois quando fazem algum movimento ou som, a criança autista se sente estimulada a reproduzir a mesma ação, sendo importante porque o autista precisa de vínculos.

É importante a união e colaboração de todos que tem contato com a criança autista, principalmente da família, além de muita paciência e amor pela criança durante o processo, que muitas vezes, dependendo do grau do transtorno, é lento. Respeitar o tempo e o limite da criança é muito importante, mas sem deixar de trabalhar as dificuldades. É importante ensinar a criança autista, que para um relacionamento funcionar, são necessários pequenos gestos de gentileza (contato visual, cumprimentar as pessoas, conversar, etc.). Indivíduos autistas não possuem estas habilidades, mas é algo que pode ser aprendido, apesar de para eles, não ser algo natural e prazeroso. (BARBONI, 2017).

A ideia a princípio, assustou os pais desses autistas, pois sabe-se que o autista tem problema de socialização, e juntar 21 deles em um mesmo local, com um mesmo objetivo, parecia algum impensável de se fazer, então, a musicoterapeuta decidiu aceitar o desafio e criou o projeto.

No projeto incluem-se autistas de diferentes graus (do leve ao grave), e o elo de ligação entre eles foi a fenda musical que há no universo fechado do transtorno. Mas como controlar vinte e um mundos diferentes e que não se comunicam entre si? A autora relata que o primeiro ensaio foi um caos. Pois todos estão acostumados a trabalhar o autismo de forma individual, não em grupo. Mas a cada ensaio, o resultado começava a aparecer, inclusive a interação social se deu de forma inacreditável, pois no caso mais grave de autismo foi possível observar a interação com o grupo (o chegar perto) e sua manipulação com os objetos musicais.

Pesquisas no campo científico romperam com a ideia tradicional de uma inteligência
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

única, possível de ser aferida apenas em testes de QI e nas avaliações tradicionais aplicadas na escola, em uma noção limitada de inteligência, uma noção sem ligação com a verdadeira gama de talentos e aptidões pertencentes à vida. (CUNHA, 2015b, p. 100-101).

O projeto deu tão certo, que para a primeira apresentação todos estavam prontos e compassados uns com os outros, o que tornou o evento memorável, pois nada antes, no Brasil, havia sido apresentado de forma tão significativa para o desenvolvimento do autista.

4 CONCLUSÃO

Após todo o estudo voltado à elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso, pode-se constatar com as diversas leituras realizadas que muitos avanços já ocorreram em relação a inclusão do aluno autista na sala de aula da Educação Infantil. Pode-se, inclusive, conhecer algumas práticas educativas já aplicadas por professores, tanto dentro quanto fora da sala de aula, e que deram resultados significativos de aprendizagem e socialização.

Através dos referenciais teóricos procurou-se elucidar o problema central do estudo da pesquisa, que visava averiguar se música contribui para a inclusão das crianças autistas na Educação Infantil, e o que se constatou foi que atividades relacionadas à música estimulam crianças de todas as idades, em todos os níveis. E com as crianças autistas não é diferente.

Os objetivos a que se propôs no presente estudo foram alcançados, onde certificou-se que avanços ocorreram com alunos autistas, principalmente no que tange à socialização, avanço esse muito importante pois sabe-se que o autista é antissocial e prefere ficar isolado dos demais, e com esse estudo observou-se experiências de sucesso nessa área.

Quanto aos professores utilizarem a música em seus processos de ensino aprendizagem, todos os que dela utilizam-se tem pontos positivos a destacar, onde conseguiram promover algum tipo de desenvolvimento em seu aluno autista, e por mínimo que seja esse desenvolvimento, devido à complexidade do Transtorno do Espectro Autista, é algo memorável.

Já quanto a interação, integração e socialização do aluno autista em sala de aula,
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

constatou-se na prática de regência em sala de aula, que a musicalidade atrai a atenção do aluno autista. A música tem o poder de conquistar o autista. O professor precisa valer-se desse fato e usar a música para explorar a interação com esse aluno. Na referida prática, conseguiu-se inclusive, que uma aluna autista realizasse pinturas (com lápis e giz de cera), recortes em papel e escrever sobre linhas pontilhadas. Sem contar a socialização com os colegas de sala, conquistada diariamente, sendo que hoje até brinca com seus colegas, tudo dentro de suas limitações. Mas os avanços são visíveis e explícitos, sendo uma vitória conquistada a cada dia.

Com os objetivos alcançados, as questões norteadoras puderam ser respondidas de forma profícua para o presente estudo, pois pode estabelecer-se uma ligação entre a música e os alunos autistas, conseguindo (dentro das possibilidades de cada um) desenvolver tanto/ou sua socialização, seu desenvolvimento motor, seu desenvolvimento cognitivo.

A cada passo que se dá em busca de uma melhora, por menor que seja, no desenvolvimento do aluno autista, é motivo de orgulho para o professor que quer o progresso desse aluno; mesmo sabendo ser muito difícil a caminhada, cada evolução conquistada de forma significativa para a vida do aluno, faz toda a caminhada valer a pena.

5 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. DSM-5. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBONI, Débora Munhoz. **Música e autismo uma dupla que dá certo**. Disponível em: <<https://pt.linkedin.com/pulse/m%C3%BAsica-e-autismo-uma-dupla-que-d%C3%A1-certo-esp%C3%A7o-trilhar>>. Acesso em: 28 out. 2017.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em 08 mai. 2017.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da (org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 7.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**. 6.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015a.

_____. **Autismo na escola**. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015b.

GUERRER, Bruna Luiza; MENEZES, Jaqueline Lima de. **Percepção musical em crianças autistas: melhora de funções interpessoais**. Disponível em:
<<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=1393>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

MONTE, Francisca Roseneide Furtado do; SANTOS, Idê Borges dos. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem – autismo**. 2.ed. Brasília: MEC - SEESP, 2003.

SALVADOR, Ester. **Um olhar diferenciado na abordagem da Educação Musical: relato de experiência com uma criança Autista**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAB/UFSCar, Barretos, SP. 2013. 20f.

SENRA, Michele. **Muitas crianças com autismo amam música: como aproveitar esse ponto forte?** Disponível em: <<https://musicautista.wordpress.com/2014/12/30/muitas-criancas-com-autismo-amam-musica-como-aproveitar-esse-ponto-forte/>>. Acesso em 14 mai. 2017.

STEINKOPF, Ana Carolina. **Jovem adventista é pioneira em projeto voluntário que auxilia crianças autistas**. Disponível em:
<<http://noticias.adventistas.org/pt/noticia/musica/jovem-adventista-e-pioneira-em-projeto-voluntario-que-auxilia-criancas-autistas/>>. Acesso em: 25 set. 2017.